

# CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLIII - 2004

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ras minóica e micénica, integre matérias sobre sociedade, economia e política a par com religião e até algo que chama “cultura y arte cretenses” (pp. 73 sqq.) e “cultura y arte micénicos” (pp. 141 sqq.) – é caso para perguntar se a cultura se subdivide em cultura e outras áreas tão distintas como as que acabámos de referir ou se a arte não é uma expressão material da cultura? Retomando a estrutura do cap. IX, parece que se corrige uma posição anterior, já que o Período Arcaico, nas suas manifestações culturais e científicas, é tomado como um todo e não dividido em dois momentos distintos (como sucedera nos caps. III e IV). Essa teria sido, ao que suponho, a ideia subjacente, já que só no final do cap. IV vem apresentada bibliografia sobre a matéria tratada nos dois capítulos.

Para que se fique com uma visão completa dos assuntos abordados, falta apenas identificar os temas dos caps. X-XIV, respectivamente: “El período de la penúltima” (478-431 a. C.), “La Guerra del Peloponeso (431-404 a. C.)”, “El siglo IV a. C. en Grecia (Caracteres generales. Ligas y confederaciones)”, “La primera mitad del siglo IV a. C. Los acontecimientos políticos”, “La segunda mitad del siglo IV a. C. en Grecia: Filipo II de Macedonia”.

Para os leitores e alunos que desejem proceder a um maior aprofundamento das diversas temáticas tratadas a Autora apresenta, como já indiquei, uma lista de bibliografia específica. Louve-se a abundância de títulos, de proveniência internacional, a sua colocação no final de cada capítulo e a arrumação dos mesmos de acordo com as alíneas de cada uma das partes. Talvez fruto de uma revisão menos cuidada, lamenta-se a quantidade assinalável de gralhas, sobretudo evidentes nos títulos estrangeiros, bem como a expressão pouco significativa, em termos globais, de publicações posteriores a 1990.

Não obstante os reparos tecidos, o mérito da obra é inegável no plano dos manuais mais recentes para o estudo da história da Grécia Antiga. Cumprindo os desígnios didácticos que se propõe, a *Historia Antigua Universal II – El mundo griego hasta la segunda mitad del siglo IV a. C* de Pilar FERNÁNDEZ URIEL é, sem dúvida, um utensílio pedagógico útil tanto a docentes como a discentes, mesmo exteriores à UNED.

*Carmen Soares*

José Manuel IGLÉSIAS, Alicia RUIZ, *Epigrafía romana de Cantabria*, Bordeaux – Santander, Ausonius – Universidad de Cantabria, 1998 (*PETRAE Hispaniarum*; 2). 1 vol. 209 p. ISBN: 2-910023-11-7; ISBN: 84-87934-70-6.

A colecção *PETRAE Hispaniarum*, da responsabilidade do Ausonius (Institut de Recherche sur l’Antiquité et le Moyen Âge), integrado na Maison de l’Archéologie de Bordeaux, iniciada em 1994, viu-se acrescentada com esta excelente

obra de J. M. Iglésias e A. Ruiz, docentes da Universidade da Cantábria, instituição parceira na presente edição. Dentro dos objectivos dos *PETRAE Hispaniarum* de publicação da epigrafia da Península Ibérica recompilada na base informática PETRAE, o volume assume-se como *corpus* epigráfico da actual província da Cantábria, tal como o primeiro da colecção visou a província de Teruel.

O prólogo da obra ficou ao cuidado de J.-M. Roddaz, director do Ausonius, sendo seguido de uma página de agradecimentos dos autores, na qual também incluem uma listagem de créditos fotográficos e dos desenhos.

Não existe uma introdução propriamente dita, mas sob essa designação agrupam-se quatro pontos em que se abordam o quadro geográfico (p. 13-14), o meio físico e a etnografia da Cantábria nas fontes literárias clássicas (p. 14-21), o contexto histórico (p. 21-25) e a história da investigação epigráfica na Cantábria (p. 25-33). No primeiro destes pontos, em que se situa a Cantábria no contexto peninsular, é esboçada a caracterização orográfica e hidrográfica do território, aludindo-se sempre às informações já presentes nas fontes clássicas, e ressaltando-se o papel dos rios Ebro e Besaya na estruturação dos dois principais eixos viários que sulcavam a região na época romana, além de se fazer fugaz alusão ao coberto vegetal e ao clima da província para referir que este teria sido, por essa altura, mais temperado e que a maior parte do solo deveria estar coberta por bosque. O ponto seguinte é dedicado à apresentação dos limites entre as duas entidades étnicas que habitavam a actual Cantábria, Cântabros e Autrigões, sendo intencionalmente dada primazia aos primeiros, que ocupavam a quase totalidade deste território, ao passar-se em revista todos os comentários dos autores clássicos, de Catão, o Velho a Santo Isidoro de Sevilha, a eles referentes e ao apresentarem-se também as hipóteses levantadas pela historiografia contemporânea para a localização dos *populi* cântabros referidos nas fontes antigas. No ponto dedicado ao contexto histórico apresentam-se naturalmente os dados sobre a conquista romana e a integração administrativa da Cantábria, pondo-se a ênfase nas mudanças que a estruturação da rede viária e o processo de urbanização acarretaram num meio tradicionalmente rural, que se viu emalhado no processo de criação de *ciuitates*. Dois núcleos urbanos de primeiro plano que emergem na época romana, *Iuliobriga* e *Flauibriga*, acabam por ser o fulcro de dois claros focos epigráficos e são, por isso, objecto de tratamento mais amiudado. Por último, a história da investigação epigráfica na Cantábria é apresentada de forma detalhada, mas não excessiva, debuxando-se em traços largos os principais contributos; curiosamente, esta caminhada inicia-se no século XVII, com a divulgação de uma inscrição falsa, apresentada pelo seu provável falsificador com o pretenso intuito de localizar em território cântabro um *portus* referido em Plínio, numa atitude não insólita à época como sabemos por muitos outros exemplos, sendo, porém, na centúria de Setecentos que radica verdadeiramente a investigação neste campo.

Antecedem o catálogo a lista de abreviaturas bibliográficas (p. 35-36) e a bibliografia (p. 37), a explicitação dos princípios da publicação (p. 53-56) e um rol das inscrições (p. 57-59). No respeitante às orientações da publicação fica claro que a apresentação das inscrições resulta directamente do esquema da ficha

da base de dados PETRAE, sendo a composição dos textos das inscrições, os índices e as concordâncias bibliográficas fruto do automatismo deste programa informático.

O catálogo (p. 61-165) das inscrições cantábricas organiza-se pela seguinte ordem: inscrições votivas, inscrições funerárias, términos augustais, miliários, *instrumenta domestica*, monumentos anepígrafos, inscrições de atribuição duvidosa e, finalmente, inscrições falsas, mal interpretadas ou duplicadas por engano. A apresentação das inscrições, seguindo uma ordenação geográfica dentro de cada categoria, recorre a alguns dos campos da base PETRAE, apresentados por blocos, de acordo com o seguinte esquema:

- *Suporte, material, descrição, elementos decorativos, decoração;*
- *Lugar de achado, contexto local, circunstâncias do achado, lugar de conservação, instituição, dimensões;*
- *Campo epigráfico, dimensões, estado de conservação;*
- *Cronologia, justificação, escrita, características;*
- *Bibliografia;*
- *Comentários;*
- *Alturas mínima e máxima e de cada uma das linhas;*
- *Texto;*
- *Aparato crítico;*
- *Tradução;*
- *Comentário.*

Fruto da aplicação desta grelha de análise dos espécimes epigráficos, a sua apresentação é-nos feita com muitíssimo detalhe, mas a leitura dos diversos itens acaba por resultar algo fatigante, desde logo em virtude do reduzido tamanho das fontes utilizadas neste capítulo, mas também pelo facto de as entradas que compõem os diversos blocos do esquema que referimos estarem apresentadas de forma contínua, distinguindo-se apenas pelo uso do itálico nos seus cabeçalhos. No que respeita à organização destas entradas, cremos que seria mais lógico integrar as dimensões da peça a seguir à sua descrição, ou ao campo relativo à decoração, quando esta existe, e não após os dados relativos à proveniência da peça e ao seu paradeiro; além disso, também à primeira vista resulta pouco acorde o destaque dado ao estado de conservação do campo epigráfico, nomeadamente por as referências à conservação da epígrafe no seu todo se fazerem na sequência da sua descrição, mas cremos que este preciosismo é justificável pelas implicações que podem ter as questões da conservação, especialmente quando esta é deficiente, na leitura do texto e na sua transcrição.

A exaustividade posta no trabalho de recompilação bibliográfica está bem patente na distinção que os autores fazem entre bibliografia e comentários, pois enquanto sob o primeiro título incluem as obras em que consta um estudo fundamental da epígrafe, sob o segundo incluem as que de forma mais ou menos marginal acabam por incluir alguma menção ou comentário. Não achamos, contudo, que em termos de apresentação tenha lógica esta separação, podendo ela ser estabelecida no campo da bibliografia, pois é disso que se trata.

Pela facilidade que confere a base PETRAE, os textos epigráficos têm um dupla apresentação: em maiúsculas, reflectindo a leitura possível em função do seu estado actual de conservação, e em minúsculas, seguindo a linha do texto literário latino, incluindo pontuação gramatical, sendo a interpretação, com o desdobramento das siglas e abreviaturas e reconstituição das faltas, apresentada nesta versão.

A tradução dos textos é extensível aos nomes próprios, fugindo-se à regra da escola francesa.

Os comentários são equilibrados do ponto de vista da avaliação histórica da epígrafe, mas, por vezes, extensos. Os aspectos sócio-jurídicos, religiosos, antropónimos e linguísticos passíveis de análise não são descurados, nem mesmo determinadas questões morfo-técnicas relacionadas com os monumentos ou o seu enquadramento histórico-arqueológico, quando pertinente, deixam de ser sublinhados.

Seguem-se as conclusões (p. 167-173), os índices (p. 175-184), as tábuas de concordâncias (p. 185-195) e as estampas (p. 197-209).

Sob a epígrafe de conclusões passam-se em revista as diversas categorias de inscrições incluídas no catálogo, comentando-se, em jeito de síntese, questões diversas como a religiosidade dos povos que ocupavam o território da Cantábria, o estatuto da população ou as características tipológicas dos próprios monumentos, realçando-se, não pela primeira vez, a singularidade do predomínio das inscrições públicas sobre as privadas, excluídos os grafitos, que (...) *se explica por la concentración de términos augustales en la zona sur de Iuliobriga y por el elevado número de miliarios en el área de Otañes* (p. 167), bem como o facto de os achados epigráficos se concentrarem em torno dos dois centros urbanos romanos, *Iuliobriga* (Retortillo) e *Portus Amanum-Flauioibriga* (Castro Urdiales), *fruto de una mayor atención de la investigación arqueológica hacia los mismos* (p. 167), incrementando especialmente o número de grafitos procedentes destes dois sítios.

No âmbito das inscrições votivas é realçado o predomínio das dedicatórias a Júpiter (três em seis inscrições: n.ºs 1, 2 e 6), posto em paralelo com o panorama conhecido no Noroeste, havendo também uma invocação aos deuses e deusas do *conuentus Deorum* (n.º 5) e uma outra a um deus indígena (n.º 4), Erudino, o único documentado neste espaço geográfico, e que na sequência da revisão da epígrafe agora apresentada deixa de ser datada de 399, recuando a sua cronologia para os meados do século II, de acordo com uma nova proposta de leitura da datação consular, a nosso ver, efectivamente mais de acordo com as características do próprio monumento. Dentro das inscrições votivas há ainda uma sexta epígrafe de que não se conhece a invocação (n.º 3) e, hipoteticamente, a conhecida pátera de Otañes que alude a *Salus Vmeritana*, em termos de catálogo integrada nos *instrumenta domestica*; as reservas que perpassam relativamente ao seu carácter votivo são claramente realçadas pelos autores na ficha n.º 47 do catálogo, sobretudo ao atenderem às judiciosas observações de Fr. Baratte, que a considera um lembrança adquirida por alguém em visita a um santuário forâneo associado a águas salutíferas, mas acabam por lhe atribuir claramente um significado religioso neste capítulo final, contabilizando-a no rol das epígrafes votivas.

A epigrafia funerária cinge-se a nove epígrafes (n.ºs 7-15), três delas (n.ºs 12, 14-15) datadas pela controversa era consular que os autores aceitam equiparar à era hispânica, e que, enquanto suposto sistema de datação local aparecido no século III, *posiblemente, no fue más que una simple alternativa al problema de tener que conocer los cambios de los cónsules en una región montañosa y mal comunicada* (p. 169).

Os 18 términos augustais (n.ºs 16-33) delimitadores dos *prata* da *legio III*, provavelmente no interior do *ager* de *Iuliobriga*, apresentam todos o mesmo texto, embora com variações de paginação em função da forma das lajes que lhes servem de suporte, devendo ter estado em uso entre 16-13 a. C., data do estabelecimento do acampamento militar e talvez da fundação da cidade, e os anos 40, altura em que esta legião abandona a Hispânia. Constituem, talvez, a marca distintiva do catálogo.

Os 13 miliários documentados (n.ºs 34-45) relacionam-se com três vias fundamentais que sulcavam a Cantábria, nomeadamente a que unia *Iuliobriga* a *Tarraco* e as que ligavam *Pisoraca* com *Portus Blendium* e com *Portus Amanum-Flauioibriga*. Exageram os autores quando a propósito dos nove miliários deste último traçado afirmam que *todos los epígrafes se insertan en el tramo final de la vía romana, en las cercanías de la costa, y constituyen la concentración de miliarios más alta de la provincia Citerior* (p. 172). Bastará que atentemos nalguma das milhas da lusa Geira Romana para percebermos a manifesta imprecisão do comentário.

Uma parte significativa dos números do catálogo respeita a inscrições sobre *instrumenta domestica*, que contabilizam um total de 64 (n.ºs 46-109), sendo 38 delas apresentadas pela primeira vez. Entre os suportes das inscrições conta-se a aludida pátera, além de objectos de adorno (anel e alfinete), de uso doméstico (lucerna, cabo, pesos de tear e fragmentos de vasilhas cerâmicas, especialmente de *terra sigillata*). Tratando-se essencialmente de marcas de posse, o seu estudo contribui de modo particular para ampliar as listas antroponímicas, mas, quiçá, também sejam os dados epigráficos que mais se aproximam do quotidiano dos homens e mulheres da Cantábria romana. Veja-se, por exemplo, que no hábito de colocar grafitos nas vasilhas de *terra sigillata* há uma certa preocupação de discrição, escolhendo-se zonas pouco chamativas ou não visíveis quando a vasilha está pousada, e que essas marcas aparecem com maior frequência nas formas mais comuns, nomeadamente em tigelas ou pratos. Contrariamente ao que sucede nas restantes divisões do catálogo, nesta categoria de inscrições a opção foi no sentido de agregar a cada uma das fichas a fotografia e/ou desenho das inscrições e grafitos, com claro benefício para o leitor.

O catálogo remata com dois monumentos anepígrafos (n.ºs 110-111), uma inscrição de atribuição duvidosa (n.º 112), duas falsas (n.ºs \*1 e \*2), uma duplicada por engano (n.º \*3) e uma mal interpretada (n.º \*4).

Os índices epigráficos obedecem ao figurino das edições elaboradas a partir do PETRAE, estruturando-se em três partes principais: *generalia* (relativo à totalidade das palavras que compõem os textos epigráficos do volume), *uerba propria* (que inclui os nomes próprios) e *supplementum historicum* (relativo a dados de cariz histórico). Para além da simplificação de tarefas, e do conseqüente menor investimento em esforço, a utilização da base PETRAE na elaboração dos índices re-

percuta-se também na facilidade com que para aí são carreados palavras e outros dados, acompanhados das respectivas notações epigráficas, reflectindo a leitura que realmente é possível realizar a partir do monumento. São também dignas de nota as tábuas de concordâncias que primam por não visarem apenas os grandes *corpora* e repertórios epigráficos, mas incluem todas as restantes obras e revistas em que se publicou o material epigráfico, além da concordância com a base de dados PETRAE.

A edição é de qualidade, em papel *couché*, no qual ressaltam as excelentes fotografias a preto e branco incluídas nas treze estampas que fecham o volume, e encadernação cartonada, com gravações prateadas, protegida por elegante sobrecapa negra acometida por caracteres brancos e ilustrada com fotografia a cores de uma das inscrições na portada.

A minúcia e o rigor científico postos na elaboração deste *corpus* epigráfico regional fazem dele um instrumento de trabalho fiável para epigrafistas e historiadores da Antiguidade, mas não será menos útil como repositório de informação para todos os amantes da História do seu cantão que a procurem nos capítulos de síntese (introdução e conclusões), já que o catálogo é eminentemente técnico, respondendo aos objectivos da publicação e da colecção em que se insere.

*Armando Redentor*

Juan L. GARCÍA ALONSO, *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*, (Anejos Veleia, Series minor 19), Universidad del País Vasco / Euskal Herriko Unibertsitatea, Vitoria/Gasteiz, 2003. 562 p., ISBN: 84-8373-569-5.

A atenção dada aos autores clássicos e a importância atribuída às informações que estes nos legaram continua a ser um dos aspectos que parece marcar a investigação sobre a antiguidade peninsular. Apesar da vasta panóplia de estudos que recorrem, de forma mais ou menos sistemática, aos dados dos autores de língua grega e latina, é evidente que se justifica e impõe uma investigação profunda sobre estes materiais, especialmente no domínio da interpretação e análise das suas informações. Têm sempre lugar, na minha perspectiva, as boas edições ou os comentários rigorosos e diversificados sobre esse amplo repertório literário. Por essa razão, considero de toda a pertinência a publicação deste contributo sobre a *Geografía* de Ptolomeu, na parte que se refere à Península Ibérica.

Tendo como ponto de partida um trabalho académico (1993) sobre cuja redacção passou mais de uma década e depois de ter sido disponibilizado em microfichas (1995), edita-se agora esta obra fundamental, após uma actualização justificada por novos contributos entretanto vindos à luz nos domínios da toponímia e da